

*The Handmaid's Tale: quando o urbano reflete a crise de uma sociedade*¹

The Handmaid's Tale: when the urban reflects a Society crisis

Maria Célia SANTOS²
Alexandre ALBURQUERQUE³
Alana FARIAS⁴
Norma MEIRELES⁵

Resumo

Os edifícios, as ruas, as construções, exprimem aquilo que é/foi vivido. Assim, são nas paredes impenetráveis da sociedade que a história é marcada e requalificada para aquilo que ela se torna: um reflexo da cultura estabelecida para o povo. Com isso, imergimos na distopia da série *The Handmaid's Tale* (HULU,2017), afim de analisar a relação de como o sistema ditatorial da República de *Gilead* (antigo Estados Unidos) interfere no modo de enxergar o contexto urbano de uma cidade, comparando com a realidade do Canadá, que na ficção continua com um sistema político semelhante à nossa realidade. Portanto, analisa-se especificamente o episódio *Smart Power* da segunda temporada da série, aliado à fundamentação teórica dos autores: Walter Benjamin, Jane Jacobs e Pierre Bourdieu.

Palavras-Chave: Cidade. Distopia. Liberdade. Entretenimento. Sociedade.

Abstract

The buildings, the streets, they express what is/was lived. Thus, it is in the impenetrable walls of society that history is marked and requalified for what it becomes: a reflection of the culture established for the people. Thus, we immerse ourselves in the dystopia of *The Handmaid's Tale* series (HULU, 2017) in order to analyze the relationship of how the dictatorial system of the *Gilead Republic* (former United States) interferes with the

¹ Texto originalmente apresentado no Intercom Júnior - Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (2019). Esta versão apresenta pequenos ajustes.

² Graduanda do Curso de Radialismo - UFPB, e-mail: mariacelia.sa22@gmail.com

³ Graduando do Curso de Arquitetura e Urbanismo - UNIPE, e-mail: alexandre_carlos_@hotmail.com

⁴ Graduada no curso de Direito - Universidade Federal da Paraíba; graduanda no curso de Teologia - Faculdade Teológica Sul Americana; e-mail: alacarlufo@hotmail.com

⁵ Professora do Bacharelado em Radialismo do DECOM/UFPB. Radialista, jornalista, Mestre e Doutora em Educação (CE/UFPB). E-mail: norma.meireles@ccta.ufpb.br

way we see the urban context of a city, compared to the reality of Canada, which in fiction continues with a political system similar to our reality. Therefore, we specifically analyze the episode "Smart Power" of the second season of the series, combined with the theoretical foundation of the authors: Walter Benjamin, Jane Jacobs and Pierre Bourdieu.

key words: City. Distopy. Freedom. Entertainment. Society.

Introdução

O universo do entretenimento tem, como um de seus objetivos, impactar a vida dos espectadores com suas grandes produções. Não é diferente quando se fala da série *The Handmaid's Tale*, que tem ganhado repercussão por sua história confundir-se, em pontos extremamente negativos, com a realidade. Com um enredo, de golpes, revoluções, direitos extinguidos, papel da mulher na sociedade e o retrocesso histórico a uma ditadura patriarcal, tem-se colocado em discussão as possibilidades dessa distopia.

Como em qualquer sociedade os traços da história penetram e modificam os demais campos daquilo que forma a humanidade, desde a cultura de um povo até o modelo de seu governo. As marcas dessa sociedade se reverberam nas estruturas físicas da cidade e no estilo de vida que esse sistema proporciona.

Assim, com um olhar voltado a esse contexto, será analisado como, na série *The Handmaid's Tale*, a sociedade se relaciona com a estrutura dessa nova vida urbana e as interferências contra os direitos humanos. Comparando especificamente as cidades da República de *Gilead* com as do Canadá no episódio *Smart Power* da segunda temporada.

Portanto, através da série de entretenimento *The Handmaid's Tale* em que o presente artigo tem como objetivo analisar a dualidade da vivência entre culturas e governos através de estudos entre comunicação, direito e arquitetura. Propondo uma interdisciplinaridade para uma maior desenvoltura no estudo da série.

The handmaid's tale

Baseado no livro O conto da Aia de Margaret Atwood, *The Handmaid's Tale*, ganha sua versão para a série de televisão no streaming HULU⁶. Sucesso mundial, vencedor de inúmeras categorias no Globo de Ouro, incluindo Melhor Série Dramática no ano de 2018, a produção e a realização da série se sobressai com as personalidades de Bruce Miller⁷, Margaret Atwood⁸ e Elizabeth Moss⁹. Caminhando para sua terceira temporada (até o ano presente deste artigo), a temática abordada, de certa forma, se torna coadjuvante, tendo em vista que é uma distopia da realidade em pleno século XXI, o que propositalmente torna *The Handmaid's Tale* um entretenimento reflexivo sobre a política e a sociedade contemporânea.

Devido às condições e as consequências em que o mundo se encontra, com doenças, poluição e mazelas deixadas pela humanidade, uma regência conservadora e teocrático lentamente vai se inserindo no governo até que se é aplicado um golpe. Logo, parte dos EUA torna-se uma república ditatorial chamada *Gilead*. Com um contexto cristão e discurso extremistas, o governo que agora é liderado pelos Comandantes, homens com poder semelhantes aos governadores e ministros, querem restabelecer a paz, a natureza e a natalidade.

São com esses objetivos que a promessa por dias melhores torna-se um sistema abusador, antiético e com o direito humano distorcido. Em um retrocesso histórico, as mulheres perdem seus direitos de serem livres, além do mais, em virtude da infertilidade em massa, as mulheres férteis são consideradas propriedades do estado. A liberdade homoafetiva é considerada traição ao gênero e pessoas que lutaram contra o governo e que não possuem finalidade para aquele regime são apresentadas a morte (por força ou lentamente em campos de radiação).

Assim a República de *Gilead* é dividida em diversos tipos de castas, entre elas as principais: as aias, mulheres que podem gerar filhos; esposas, mulheres dos

⁶ Plataforma de streaming onde é vinculada a série *The Handmaid's Tale*.

⁷ Produtor Executivo da série.

⁸ Produtora e atriz principal (June) da série.

⁹ Autora do livro “O conto da Aia” e produtora da série.

comandantes; marthas, serviçais das casas dos comandantes; anjos, parte do exército da república e olhos, pessoas infiltradas nas diversas classes, afim de encontrar traidores da nação.

Na narrativa da série, os pensamentos da protagonista, June, guiam o espectador a esse mundo quase palpável. Entre o presente e o passado, é contada sua história. Ela, que no passado era casada com o personagem Luke, tinha uma filha e uma vida corriqueira. No presente é a Offred (“*of Fred*”, que significa, “de Fred”, o que torna a ser propriedade do patriarca), aia na casa de um dos comandantes mais importantes do Governo totalitário, espaço no qual é mensalmente estuprada pelo Comandante Fred em cumplicidade com a sua esposa Serena Joy, para que gere filhos. Esse momento é chamado de cerimônia, em que se utiliza de uma interpretação extremista de um trecho da bíblia.

Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, se não morro. E ela disse: Eis aqui minha serva Bila, coabita com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela. (BÍBLIA, Gênesis 30:13)

A jornada da June é de conseguir escapar dessa sociedade, salvar sua filha e atravessar a fronteira para o Canadá. Mas, ao longo da sua história a transformação da personagem é forjada pela necessidade de sobreviver, pois as punições violentas e as pressões psicológicas ora a torna distante de seus objetivos, ora a envolve em estratégias esperançosas.

Ao longo das temporadas, percebe-se que o Canadá permanece resistente e receptivos aos refugiados. Enquanto em paralelo, outros países estudam a possibilidade de acordar com a República de *Gilead* esse novo sistema, que apesar de desumano passa uma imagem de eficácia. Sendo assim, é nessa análise de resistência e ditadura que a série entrega duas perspectivas de vida, duas ideias de cidade e dois tipos de política, atribuídos à cosmovisão dos personagens que vivem fora do regime e os que estão inseridos nele.

Contudo, é nesse enredo distópico de uma ditadura teocrática, fundamentalista e patriarcal que se percebe ao longo da história as demais repetições de momentos que aconteceram. Desde as lutas e conquistas aos direitos humanos aos holocausto, guerras e ditaduras que o mundo presenciou (O GLOBO, 2019). Porém essas marcas

inesquecíveis, essa parte da humanidade retrógrada, é entretenimento para lembrar que sempre haverá resiliência.

Contexto político

A obra de Atwood, apesar de ser uma distopia que pinta uma ficção no enredo, traz um contexto político forte e que nos remete à diversos conceitos e fatos históricos. No ano de 2135, um grupo forte, pautado no fundamentalismo religioso, aplica um golpe nos Estados Unidos implantando a República de *Gilead* e estabelecendo uma estrutura social que divide as pessoas de acordo com a função que irá exercer na sociedade. A ausência de liberdade de expressão é uma marca significativa, pois os comportamentos dos seus moradores devem ser moldados de acordo com regras e protocolos definidos por cada classe. A identidade das pessoas é tolhida ao ponto de serem definidas pela função social que exercem, impedindo a autodeterminação de cada um. As minorias são suprimidas e obrigadas a exercerem os papéis que lhe foram designados. Qualquer subversão ao sistema pode acarretar a graves penalidades, inclusive à morte, tendo seus corpos expostos para servir de intimidação para os demais. Além disso, uma forte censura é estabelecida quanto aos meios de comunicação e manifestações artísticas, sendo proibidos livros, revistas e todo o tipo de mídia.

Vários pontos podem ser destacados tendo como partida o contexto social de *Gilead*, mas é primordial iniciar pela relevância do discurso na legitimação das relações de poder. O poder da fala não está apenas no fato da transmissão de mensagens, mas também na comunicação de ideais e posicionamentos. Tal mecanismo é tão poderoso que pode transformar realidades e visões de mundo. Pierre Bourdieu (1989) explica que o poder não está exatamente nas palavras, mas na legitimidade que é dada a elas, sendo um mecanismo de poder simbólico de construção da realidade. Assim:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 2007, p.14)

Em diversos momentos da série podem-se ver os líderes que organizaram o golpe defendendo o seu ponto de vista através de argumentos elaborados e fala bem articulada. Tal comportamento é crucial para internalizar na mente das pessoas a visão de mundo deles e assim, legitimar as mudanças e a dominação que eles pregavam. Eagleton (1997, p. 59) explica que um modo de dominação é geralmente legitimado quando os que estão submetidos a ele passam a julgar seu próprio comportamento pelos critérios de seus governantes. Desse modo, vemos como os Comandantes conseguiram institucionalizar os seus ideais e estruturaram toda uma sociedade, legitimando seu discurso e dando validade ao que estava sendo pregado.

O foco da estória está na personagem principal, June, que é transformada em uma aia. Uma das motivações para que ocorresse o golpe de estado e fosse estabelecido um novo modelo social era tentar sanar o problema da infertilidade que assolava as mulheres. Inúmeras mulheres estavam sofrendo pois não conseguiam engravidar e isso estava levando ao caos a sociedade. Como os líderes eram fundamentalistas religiosos, buscaram em Gênesis 30.1-3, já citado acima, uma prática que seria a solução para este problema. Assim, tendo como base esses versículos, as mulheres que eram férteis foram transformadas em aias, que eram escravas sexuais das famílias dos Comandantes, que tinham unicamente a função de procriar. Um ritual foi estabelecido, onde a aia dividia a cama com a esposa e o comandante, sendo forçada a uma relação sexual pautada na exploração. Partindo disso, podemos observar que foi estabelecida uma teocracia na qual os direitos humanos eram brutalmente desrespeitados. Assim, no desenvolvimento da narrativa, pode-se observar que

[...] na malha ficcional durante o regime democrático, a narradora observa que, aos poucos, as facções religiosas que começavam a ganhar força dentro do governo criavam leis que atentavam contra direitos fundamentais das mulheres, negros, homossexuais, até o ponto em que a Constituição Federal foi substituída pelas leis do Velho Testamento. (ABREU, 2018, p. 4)

Como a trama é contada sob uma ótica feminina pela personagem June, é bastante evidente a divisão dos papéis sociais baseada no gênero como forma de oprimir as mulheres. A distribuição das mulheres entre aias, esposas e marthas mostra como elas estão sendo forçadas a cumprir o seu “destino biológico” como procriadoras, cuidadoras

do lar e cumpridoras dos afazeres domésticos. Tal realidade ficcional se baseia no machismo estruturado em nossa sociedade e no patriarcado tanto disseminado pela religião, em que muitas vezes a mulher é considerada um ser inferior. Nota-se na narrativa que as próprias mulheres que contribuíram para o planejamento do golpe de Estado foram subjugadas quando a teocracia foi instituída e os papéis divididos. Sobre essa realidade construída da mulher como ser inferior:

Quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, ele é de fato inferior; mas é sobre o alcance da palavra ser que precisamos entender-nos; a má fé consiste em dar-lhe um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: ser é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores. (BEAUVOIR, 1980, p.18).

Sobre o poder do discurso na propagação de um ideal e na manipulação de massas, Abreu cita uma entrevista de Margareth Atwood, na qual a autora diz ter se inspirado em uma campanha que incentivava as mulheres a permanecerem no ambiente doméstico:

Em entrevista a Vintage Living (2002), Atwood revela a sua inspiração para a produção do romance quando aponta que estava presente no contexto histórico dos Estados Unidos dos anos 80 a pauta dos direitos às práticas religiosas. Nessa campanha havia avisos para as mulheres atuarem unicamente como donas de casa. A autora reflete sobre as razões que levariam as mulheres a retroceder, já que elas estavam procurando adquirir independência (ABREU, 2018, p. 5).

As marcas do totalitarismo podem ser vistas em diversos momentos do enredo. Apesar da hierarquia colocar os homens no topo do poder, pode-se observar a opressão entre as próprias mulheres. Mesmo estando todas em situação de desprivilegiada, podemos observar a humilhação que as esposas dos comandantes provocam nas aias e nas marthas por suas condições socialmente inferiores. Essa conjuntura caracteriza tal regime político, tendo em vista que sua característica marcante é não só controlar o Estado, mas também as relações sociais:

O termo totalitarismo passou a ser utilizado em meados do século XX para designar regimes políticos extremamente autoritários, capazes de controlar não só o poder do Estado, como também todo o corpo social de uma nação, incluindo suas esferas privadas. Diferentemente de outras tiranias do passado, o totalitarismo carrega como característica

única essa capacidade de embrenhar-se em todo o tecido social, exercendo poder em todas suas partes (BETONI)

O caráter totalitário chega a ser similar ao nazismo alemão e ao stalinismo soviético, que foram os maiores exemplos de tal regime na história. A série mostra como o fanatismo religioso, a misoginia, o desrespeito à dignidade das pessoas e a repressão se tornaram política de governo para benefício de uma minoria. Vemos também que apesar de se tratar de uma ficção, as semelhanças com a realidade em diversos momentos são notáveis e dignas de atenção.

Contexto urbano

Tendo em consideração a temática da série, e a criação da distopia ditatorial de uma sociedade, *The Handmaid's Tale* se ambienta, desde o início de sua estória, em uma cidade da República de *Gilead*, principal localização de sua trama. Ao longo de alguns de seus episódios, porém, são mostrados relances da vida fora desse país, em especial, a vida no Canadá, onde se passa outro arco de seu enredo, pouco explorado em seu primeiro ano.

Em seu nono episódio da segunda temporada, intitulado *Smart Power*, a série expande sua visão acerca do Canadá, quando dois dos personagens principais, comandantes de *Gilead*, vão em uma viagem de negócios ao país; dando foco, simultaneamente às duas nações, criando, assim, uma antítese perfeita da experiência vivida nas duas cidades.

As cidades na República de *Gilead*, por conta de seu governo totalitário, repleto de vigilância e controle, são representadas como espaços subutilizados e desprovidos de dinâmica. O uso das calçadas se dá, principalmente, pelas Aias, sejam indo em direção ao mercado, fazer as compras para a casa dos Senhores, ou em seus passeios diários para fortalecer seus músculos, buscando melhorar a saúde para a vinda do suposto filho (ver Figura 1).

Figura 1 – Calçadas na República de Gilead



Fonte: *The Handmaid's Tale*. Temporada 02, Episódio 09

A utilização dessas calçadas, porém, se dá de maneira passageira, não sendo elas, lugares de estar, de conviver, pois na realidade vivida na série, as pessoas são impedidas de conviverem umas com as outras com a liberdade que a sociabilidade representa. Mas, pelo contrário, a demonstração da segurança excessiva, com os denominados “Guardiões” (homens armados direcionados pelo governo que se responsabilizam pela vigilância da cidade) nas ruas, gera medo, e um imaginário de que a cidade é algo perigoso, onde o próprio trajeto realizado é controlado pelo governo, oprimindo o cidadão. Essa realidade se mostra, de certa forma, presente no mundo tangível, onde a segurança em relação à rua é vendida como algo necessário, onde de forma semelhante à distopia da série:

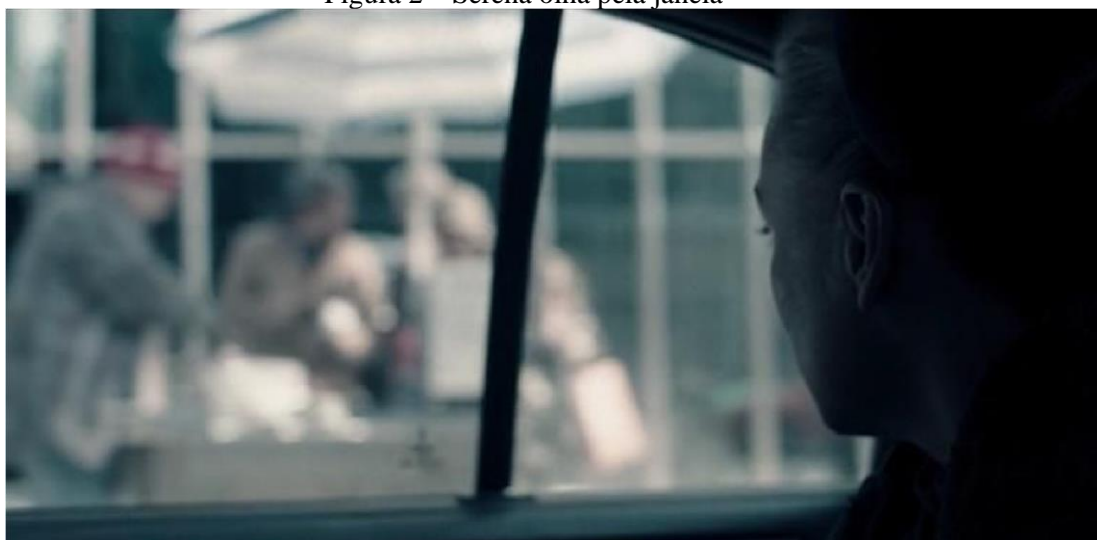
Os esquemas de segurança tornaram todos suspeitos, inclusive pesquisadores, pedestres e até parentes próximos dos moradores. A rua e o espaço público em geral passaram a ser evitados, a cidade (como ideia, como discurso) se tornou algo perigoso. (CARLOS, et. Al., 2015, p. 151)

Segundo a arquiteta e urbanista, Jane Jacobs (1961), a liberdade de utilizar as calçadas - um dos principais eixos de socialização da cidade - se dá através do sentimento de segurança para a população, mas não uma segurança como a retratada na série, de forma opressora e violenta, mas com a realidade de que cada pessoa que utiliza esse espaço observa a outra, gerando uma segurança mútua, uma vivacidade na área,

promovendo a circulação livre de pessoas, não somente no âmbito público, mas vindo também do meio privado, como a presença de estabelecimentos comerciais abertos às ruas, facilitando essa interação.

Realidade mais próxima à apresentada pela autora, pode-se ver na cidade, mostrada no episódio, localizada no Canadá, que contrasta de forma significativa com a cidade de *Gilead*, sendo ambas mostradas em *establishing shots*, ressaltando ainda mais suas diferenças. Ao chegarem em Toronto, no Canadá, o casal de *Gilead* se depara com uma realidade que não faz mais parte de suas vidas cotidianas, o que acarreta no total maravilhamento da Esposa ao observar a dinâmica do lugar, sendo isso mostrado através de um caminho realizado de carro, enquanto ela olha através da janela (ver Figura 2).

Figura 2 – Serena olha pela janela



Fonte: *The Handmaid's Tale*. Temporada 02, Episódio 09

Nesse trajeto, a personagem pôde observar manifestações pessoais ordinárias de uma democracia, mas que, pelo governo de sua nação, não costuma mais vê-las. Manifestações essas como a liberdade de caminhar, de se vestir como desejado, demonstrações públicas de afeto entre casais, e mulheres em seus ambientes de trabalho, mas também a desigualdade social, com a presença de moradores de rua (ver Figura 3).

Figura 3 – O Canadá pelo olhar de Serena



Fonte: *The Handmaid's Tale*. Temporada 02, Episódio 09

Mais do que fazer parte de um cenário, pode-se notar que a cidade faz parte da narrativa da obra, levantando, através dela, discussões sobre a política no mundo, onde percebe-se que apesar das muitas realidades vividas através da história da humanidade, com a ditadura, isso ainda é uma realidade, ainda cogitada pelas pessoas, que necessita ser discutida. Não apenas tendo interferência na vida pessoal da população, o contexto político de uma sociedade pode, também, influenciar diretamente na vivacidade urbana de uma localidade, criando um ambiente subutilizado e não valorizado da maneira que deveria, ou um lugar com vitalidade, através do devido uso da cidade, ambos consequência da liberdade dada à população.

Conclusão

Tendo em consideração o que foi abordado no presente trabalho, pôde-se dialogar com o que foi dito pelo filósofo francês Walter Benjamin (1987), que discorre sobre a importância do cinema, da obra audiovisual, como um instrumento de choque para as pessoas, onde através dele, pode-se criar um pensamento revolucionário na massa, agindo tanto na psique quanto no físico humano. Isso pode

ser percebido na adaptação da obra da Margaret Atwood (1985) para o streaming, a série dirigida por Kari Skogland e Mike Barker (2018), pode contribuir para ampliar discussões, para meios alternativos, que alcancem uma maior variedade de públicos.

Através do explanado pode-se observar que a interdisciplinaridade retirada da narrativa contribui para a compreensão de como a república de Gilead foi instituída, pois, apesar de tantas garantias já conquistadas socialmente, o retrocesso quanto aos direitos humanos ocorreu e a ideia foi aderida por muitos indivíduos. Os líderes do golpe planejaram toda uma conjuntura política bem fundamentada e com vários argumentos, negando direitos fundamentais e reprimindo todo tipo de individualidade e autodeterminação. Eles propagaram tais ideais pelo poder do discurso e da comunicação.

A partir daí, a sociedade passou a se enxergar pela ótica transmitida, analisando seu comportamento pelos critérios dos líderes e se encaixando no novo padrão imposto. A estrutura arquitetônica da cidade transparece a realidade ditatorial vivida, concretizando aquelas mudanças ocorridas no âmbito político e social, retirando do campo das ideias e do “imaginário”, demonstrando fisicamente o totalitarismo que as pessoas eram submetidas.

Portanto, atrelado ao entretenimento, estão conhecimentos que se encontram entre a comunicação, o direito e a arquitetura, sob um olhar que integra as possibilidades de analisar de forma objetiva e profunda os elementos narrativos que a série proporciona. Desde um ponto de vista dos direitos humanos sendo subvertidos a uma ditadura, a uma construção social que vem da política e reflete na vivacidade dos moradores dessa nova República fictícia.

Referências

ABREU, Relines Rufino de. **Vozes sociais e relações de poder em *The Handmaid's Tale***. In: Darantina Revisteletrônica - Programa de pós-graduação em letra: estudos literários - UFJF: vol. 11 n.1. 2018. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2018/08/Artigo-Relines-Abreu.pdf>>. Acesso em: 12 de março de 2019.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. A experiência vivida. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BETONI, Camila. **Totalitarismo**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/formas-de-governo/totalitarismo/>>. Acesso em: 12 de abril de 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10. ed, Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007, p.14-15.

CARLOS, Ana F. A.; VOLOCHKO, Danilo; ALVAREZ, Isabel P. **A cidade como negócio**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

EAGLETON, Terry (1997). **Ideologia**. São Paulo: Editora Boitempo.

GONÇALVES, Renata. Walter Benjamin e a importância do cinema na Modernidade. **Minas Gerais, Existência e Arte Revista Eletrônica do grupo PET**. Ano 4, v. 4. Jan. a dez. 2008

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

THE HANDMAID'S TALE. Minha série. **The Handmaid's Tale**. O conto da Aia[s/d]. Disponível em: <<https://www.minhaserie.com.br/serie/1225-the-handmaid-s-tale>>. Acesso em: 16 abr. 2019

O GLOBO. '**The Handmaid's Tale**': os acontecimentos reais que inspiraram Margaret Atwood. O Globo. Cultura. 12 fev. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/the-handmaids-tale-os-acontecimentos-reais-que-inspiraram-margaret-atwood-23446498>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SKOGLAND, Kari; BARKER, Mike. **The Handmaid's Tale (Season 2)**. Hulu, 2018. Segunda temporada, ep. 9.